

CONSPIRATA

Um jornal do governo anuncia que "dentro de 48 horas" nosso prezado sr. Vargas responderá ao seu ex-amigo, ex-inimigo, ex-amigo, ex-inimigo, ex-amigo e atualmente inimigo sr. Neves da Fontoura. Lembrei-me das 48 horas que ele pediu ao general Cordeiro de Faria para deixar o Cateite; o homem não tem pressa para as coisas desagradáveis.

Alguns senhores da oposição cuidam, entrementes, de levantar a questão do "impeachment", alegando traição nacional. Acho que não houve traição nacional; o sr. Vargas trahu apenas o general Perón. As conversas e recados que eles trocaram antes são conversas e recados que o vento levou. Podemos fazer hipóteses: uma guerra civil ajudada pela Argentina caso não fôsse empossado o sr. Vargas, por exemplo. Dinheiro, armas, homens da Argentina para matar brasileiros — tudo isso seria mel para o sr. Vargas, se ele tivesse precisado disso. Mas não precisou — e ninguém nunca provará que ele chegou a admitir essa hipótese. O que houve foi uma conspiração marota entre um ditador tão aventureiro quanto ingênuo e um ex-ditador oportunista e velhaco.

Mesmo que, no governo, o sr. Vargas tivesse aceito a idéia do ABC, isso não poderia ser chamado de traição; é bom que nossos democratas não se acostumem a chamar de traição uma política internacional com que não estão de acôrdo. O sr. Neves da Fontoura fala um pouco demais nas tradições do Itamarati, como se lá ele não fôsse um pára-quedaista como qualquer outro. O Itamarati pode e deve ter tradições de métodos, mas não de pontos de vista. O interêsse nacional que hoje nos aconselha a andar ao lado de uma certa potência pode nos aconselhar amanhã a fazer aliança com outra, o próprio Rio Branco, que encarnou como ninguém o espírito "da Casa", da qual é o patrono espiritual, sorriria hoje, com certeza, de uma "tradição" que em certos casos pode significar apenas rotina e subserviência.

Não estou defendendo o sr. Vargas, que em tudo isso não cuidou do interêsse do Brasil, mas simplesmente do seu. Muito menos defendo uma aliança com o ditador vizinho, cujos sonhos de hegemonia continental são pura megalomania, pois não encontram base em nenhuma realidade; o Vice-Reinado é o cavalo de pau com que ele costuma galopar pelo reino das fantasias mortas: que se divirta. Mas a fatalidade geográfica e econômica do pan-americanismo não pode nos fazer ignorar que o estado de nosso desenvolvimento econômico é muito semelhante ao de outros países latino-americanos; e que no trato de certos assuntos mais ganharíamos em nos pormos de acôrdo com elegantes de tratarmos com os Estados Unidos do que em nos apresentarmos divididos, uns fazendo o papel de bonzinhos, outros de espirito-deporco.

Somos fracos; unidos seríamos um pouco menos fracos. Já vimos neste continente exemplos de guerras entre países irmãs açuladas ou exploradas por países estranhos; e também guerras civis alimentadas por grupos financeiros de fora. Nada mais triste, nem vergonhoso.

Há um abismo entre nos aliarmos ao subimperialismo peronista e fazermos papel, em toda conferência internacional, de simples capangas do imperialismo norte-americano. Uma das piores "tradições" do Itamarati, e quem quiser que o ignore, mas os homens mais lúcidos e dignos da carreira não o escondem é a mania de votar às cegas, em mil assuntos de mil conferências internacionais, como simples satélite. Isso é tão ridículo como o falso topete de alguns diplomatas peronistas. Um pouco mais de dignidade e franqueza nos deixaria mais bem vistos por este mundo a fora e nos faria mais respeitados — inclusive pelos Estados Unidos.

A conspirata Vargas-Peron, com o sempre lamentável sr. Luzardo no meio e o trêfego moço Jango a sair de sua estância diretamente para os náramos da política internacional, é um episódio lamentável. Cuido que não devemos levá-lo demasiado a sério, pois afinal não envolveu de modo nenhum o nome de nosso país, mas apenas o do sr. Vargas. O povo o elegeu por cinco anos; que ele fique até o fim, de castigo, pelo muito que enganou o povo. A opinião pública e o Exército saberão fazer sala, de olho vivo, a esse estranho morto, que ainda coça a barriga e ainda fuma charuto.

4/4/54 R. B.